

A REPRESENTAÇÃO MEMORIALÍSTICA DO SERTÃO EM A MENINA DO SOBRADO, DE CYRO DOS ANJOS

THE MEMORILISTIC REPRESENTATION OF THE SERTÃO IN CYRO DOS ANJOS' *A MENINA DO SOBRADO*

A REPRESENTAÇÃO MEMORILÍSTICA DO SERTÃO EM A MENINA DO SOBRADO, DE CYRO DOS ANJOS

Geuvana Vieira de Oliveira Maia¹, Viviane Rodrigues²

DOI: 10.54899/dcs.v23i92.6104

Recibido: 09/06/2026 | Aceptado: 02/07/2026 | Publicación en línea: 09/07/2026.

RESUMO

Esta pesquisa propõe apresentar as imagens memorialísticas do sertão, do Norte de Minas, representado em *A menina do Sobrado*, de Cyro dos Anjos. O estudo restringir-se-á à primeira parte das memórias, “Santana do Rio Verde”, em que o narrador de primeira pessoa representa essa região, no início do século XX. O sertão, naquele momento, era distante da capital mineira e o texto literário traz a imagem geográfica, a paisagem, os frutos do cerrado, os animais silvestres, as casas e o comportamento das personagens. A metodologia é pesquisa qualitativa com teóricos e críticos como: Jesus (2006), Pereira (2023), Sarlo (2007), Lejeune (2008), Artières (1998) e outros, em que estudou as referências teóricas, prosseguidas da análise do texto literário, com seleção e análise de fragmentos sobre o tema. Assim, depreendeu-se que essas memórias representam um olhar sobre o sertão e o sujeito que vivia neste local, deslocado do tempo e espaço, mas que de forma nostálgica exalta e registra na escrita literária o sertão de Minas Gerais.

Palavras-chave: Representação. Sertão. Norte Mineiro. Cyro dos Anjos.

ABSTRACT

This research proposes to present the memorialistic images of the *Sertão* region of Northern Minas Gerais, as represented in Cyro dos Anjos' *A Menina do Sobrado*. The study will be restricted to the first part of the memoirs, *Santana do Rio Verde*, in which the first-person narrator represents this region at the beginning of the 20th century. At that time, the *Sertão* was distant from the capital of Minas Gerais, and the literary text presents the geographical image, the landscape, the fruits of the Cerrado, the wild animals, the houses, and the behavior of the characters. The methodology is qualitative research, based on theorists and critics such as Jesus (2006), Pereira (2023), Sarlo (2007), Lejeune (2008), Artières (1998), and others, studying theoretical references followed by an analysis of the literary text, with the selection and analysis

¹ Doutora em Literaturas de Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: geuvana.maia@unimontes.com
Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-5305-1856>

² Doutora em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. E-mail: viviliteratura@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-0389-9703>

of fragments on the subject. Thus, it was understood that these memoirs offer a look at the *sertão* and the subject who lived there, displaced from time and space, yet nostalgically exalts and records the *sertão* of Minas Gerais in literary writing.

Keywords: Representation. *Sertão*. Northern Minas Gerais. Cyro dos Anjos.

RESUMEN

Esta investigación se propone presentar las imágenes memorialísticas del sertón del norte de Minas Gerais representado en *A menina do Sobrado*, de Cyro dos Anjos. El estudio se limitará a la primera parte de las memorias, “Santana do Rio Verde”, en la que el narrador en primera persona representa esta región a comienzos del siglo XX. En aquel momento, el sertón se encontraba alejado de la capital minera, y el texto literario presenta la imagen geográfica, el paisaje, los frutos del cerrado, los animales silvestres, las viviendas y el comportamiento de los personajes. La metodología empleada es una investigación cualitativa basada en teóricos y críticos como Jesus (2006), Pereira (2023), Sarlo (2007), Lejeune (2008), Artières (1998), entre otros. Se estudiaron los referentes teóricos y posteriormente se realizó el análisis del texto literario, mediante la selección y el análisis de fragmentos relacionados con el tema. Así, se concluyó que estas memorias representan una mirada sobre el sertón y sobre el sujeto que habitaba este lugar, desplazado en el tiempo y el espacio, pero que, de manera nostálgica, exalta y registra en la escritura literaria el sertón de Minas Gerais.

Palabras clave: Representación. Sertón. Norte de Minas Gerais. Cyro dos Anjos.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira conta com inúmeras obras literárias que representam o sertão brasileiro. No século XIX, escritores nomeados como regionalistas como José de Alencar, Visconde de Taunay, e outros que se estendem para o Modernismo na década de trinta do século XX, com Graciliano Ramos, Rachel de Queiróz, José Lins do Rego, Jorge Amado e muitos outros; além dos autores mineiros como Guimarães Rosa. A imagem do sertão é desenhada na escrita ficcional de diversos modos e sob inúmeras perspectivas. Mas, o que este texto vem trazer é uma análise singular realizada por Cyro dos Anjos, escritor montesclarensense que escreveu quatro obras literárias de relevância para a literatura deste país.

O objetivo desta pesquisa que será tratada neste texto é a representação memorialística do sertão norte mineiro que foi publicado primeiramente, no livro de memórias *Explorações no tempo*, em 1963, e que foi integrado no livro *A Menina do Sobrado*, de Cyro dos Anjos, com

nome de “Santana do Rio Verde” configurando a primeira parte desse livro.

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de evidenciar o sertão na escrita memorialística do autor Cyro dos Anjos, que com sua obra literária destacou o lugar de suas vivências na infância e adolescência através da escrita memorialística.

A palavra Sertão é um termo que de acordo com o dicionário de Michaelis significa, “1- denomina por Região do interior, com povoação escassa e longe dos núcleos urbanos, onde a pecuária se sobrepõe às atividades agrícolas. 2- Região de vegetação esparsa e solo arenoso e salitroso, sujeito a secas periódicas. 3- Terreno coberto de mato, afastado da costa. 4- O interior do país. Além dessas nomeações, buscou-se mais conceitos do termo em bibliografias da área da Geografia e selecionou-se dos estudos de Pereira (2023, p. 11), em que afirma “A partir do século XIX, as ideias de modernidade começam a se difundir de maneira mais incisiva no Brasil. Em princípio, o moderno rejeita o sertão e abraça a ideia de que o urbano e o industrial devem ser a representação do país.” E, neste mesmo texto, ainda ressalta: “o sertanejo difere do homem civilizado pela distância espacial e temporal, ou seja, o sertanejo é como um ser do passado que remanesce no presente.”. Diante dessas assertivas sobre o sertão, é que propõe analisar essa imagem de sertão construída através da escrita literária, em que o escritor mineiro Cyro dos Anjos, através das memórias traz a imagem do homem e da natureza do sertão como representação cultural.

Sobre o mesmo tema, Alysson Luiz Freitas de Jesus (2006 s/p), em suas pesquisas, afirma que “Desde os tempos coloniais, a categoria “sertão” era utilizada para classificar as regiões não-litorâneas, referindo-se a áreas escassamente povoadas e que tinham como vocação econômica a agropecuária.” Este estudioso do assunto acrescenta ainda que essa região era composta de bandeirantes paulistas e baianos que se estenderam através do Rio São Francisco. Conforme esse autor, o sertão perpassa por:

Conceitos como os de isolamento, dependência e mandonismo local contribuíram para transformar o sertão em um “outro mundo” na capitania. Não se trata aqui de negar as especificidades do mundo sertanejo, em especial se comparado às relações sociais, culturais e políticas vivenciadas nos grandes centros urbanos do Brasil. (Jesus, 2006, p. 260).

Sob tal perspectiva de sertão, selecionou-se a primeira parte do livro: “Santana do Rio Verde”, em que o narrador de primeira pessoa representa a região de sua cidade natal – a atual cidade de Montes Claros – e em uma entrevista Cyro dos Anjos (1986), afirmara:

Vivíamos numa pequena cidade do interior, onde a vida era muito tranquila, Montes Claros, no norte de Minas Gerais. Essa cidade aparece no meu livro com o nome de Santana do Rio Verde, porque em Montes Claros passa um rio que se chama “Verde”; achei mais poético esse nome. Fiz isso porque essa cidade da minha infância ficou desfigurada; hoje é uma cidade grande, com quase 300.000 habitantes, com fábricas etc. Não é a cidade da minha infância, então eu resolvi mudar o nome. Tive uma infância tranquila, doce, com aquela liberdade que a gente tem nas cidades do interior, com aquela facilidade entre cidade e campo; uma vida que os meninos das cidades grandes não conhecem. (Anjos, 1986).

O fragmento evidencia a representação através da memória da cidade e a maneira de se viver nesse lugar. A atual cidade não corresponde a do desejo, a ideal – aquela de outrora que não existe mais; sobre isso, Ítalo Calvino afirma que a existência da cidade se torna possível através da memória com a repetição dos símbolos.

A menina do Sobrado é o último livro literário publicado por Cyro dos Anjos, e essas memórias podem ser considerada uma escrita autobiográfica em que há o arquivamento do autor. Sobre o assunto, o estudioso Philippe Artières (1998, p. 16), afirma que: “(...) Manter arquivos da própria vida seria considerado uma contribuição ao conhecimento do gênero humano.” Ademais, em outra citação, o mesmo autor faz a seguinte afirmação: “é um dever produzir lembranças, não fazê-lo é reconhecer um fracasso”². E, ainda em outro fragmento, se lê: “Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem do social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência.” (1998, p. 16). Diante do exposto, este livro literário, o objeto desta pesquisa, através do narrador, cujo nome não é dito, traz as lembranças do passado que são contadas ao leitor. Ou seja, os acontecimentos são retomados após quase cinquenta anos, quando o autor Cyro dos Anjos (1986) disse sobre suas memórias que são: “As lembranças que me marcaram, as namoradinhas, tudo isso eu conto no livro de memórias:” De forma geral, o texto narra sobre diversos assuntos como fatos da adolescência, a vivência na região e na cidade natal, a relação familiar e social vividos na época, mas para esta pesquisa, a seleção temática é a representação do sertão.

Cyro dos Anjos representa, através da escrita, fatos e acontecimentos que marcaram sua vida pessoal e após muito tempo, continuavam presentes na sua memória. Sobre a memória Beatriz Sarlo discute que:

Vinda não se sabe de onde, a lembrança não permite ser deslocada; pelo contrário, obriga a uma perseguição, pois nunca está completa. A lembrança insiste porque de

certo modo é soberana e incontável (em todos os sentidos dessa palavra). Poderíamos dizer que o passado *se faz presente*. E a lembrança precisa do presente porque, como assinalou Deleuze a respeito de Bergson o tempo próprio da lembrança é o presente: isto é, o único tempo *apropriado* para lembrar e, também, o tempo do qual a lembrança se apodera, tornando-se *próprio*. (Sarlo, 2007, p. 10)

O ato de lembrar provoca certa nostalgia em Cyro dos Anjos, e, ao escrever, ele retorna ao passado venerando o que se foi, mas a lembrança não é completa, pois a memória seleciona certos dados, não são todos que prevalecem. Conforme Paolo Virno o que ocorre é:

El “pasado” que se busca preservar y venerar (una veneración) que descansa sólo en el mimetismo y la imitación) no es otro más que el presente: o mejor dicho, el presente contrabandeado a través de un anacronismo real por cualquier cosa ya sucedida. (Virno, 2003, p. 61).

Verifica que a criação do texto memorialístico, mesmo sendo uma escrita que privilegia o passado, o sujeito é deslocado, ao mesmo tempo em que fala do passado é com impressões do presente. Através dessa perspectiva, o sertão faz muita diferença para este escritor, porque representa as pessoas, o calor, a natureza, os frutos e a comida do sertão mineiro. Tais elementos não passam despercebido ao leitor atento no momento da leitura.

Apesar de ser escrito em uma época em que o escritor já não tem mais contato direto com o sertão, a imagem do sertão é explícita no texto, o que demonstra está viva em sua memória. A comparação pode ser feita através do ambiente que ele vivia, diferente da imagem da infância, e do sertão mineiro. Sobre tal assunto Philippe Lejeune (2008, p. 105), afirma que “Existem duas atitudes diametralmente opostas em relação à memória. Sabe-se que ela é uma construção imaginária, ainda que seja pelas escolhas que faz, sem falar de tudo que inventa.” Assim, é com impressões do passado que Cyro dos Anjos escreve o livro *A Menina do Sobrado*, e nele representa suas experiências e visões críticas de um determinado momento marcante de sua vida e que teve grande significado, pois essas lembranças continuam consigo após algumas décadas.

A menina do sobrado representa a maneira de agir das pessoas do sertão que se difere das que vivem nas grandes cidades ou no litoral do país, o motivo disso acontecer é porque a informação demorava mais chegar no interior naquela época, no início do século XX. Devido a isso, o comportamento das pessoas continuava à maneira tradicional, ou sem se modernizar como em outras partes do país.

A região do norte de Minas Gerais é representada no livro, principalmente Montes Claros e região naquela época e era um lugar de difícil acesso, porque para ir dessa cidade até a capital

do estado, de acordo com o livro, era necessários cinco dias de viagem de cavalo para se chegar até a estação de trem, e depois seguir até a capital mineira, a cidade de Belo Horizonte.

REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLOGIA

O referencial teórico está construído de forma que evidencia conceitos tomados de áreas de conhecimento como os Estudos Geográficos sobre o conceito de sertão brasileiro e sertão do norte de Minas Gerais. Foi realizado primeiro a abordagem teórica sobre o sertão. Na sequência, foi construída uma abordagem sobre o sertão na literatura através do processo de citação da leitura realizada com escolha de trechos que evidenciam marcas do sertão na representação literária escolhida.

A metodologia é de pesquisa qualitativa traz a discussão e análise do objeto da pesquisa que é o texto literário. Foi selecionado estudo de teórico e crítico sobre sertão e escrita da memória com os seguintes autores: Jesus (2006), Pereira (2023), Sarlo (2007), Lejeune (2008), Artières (1998) e outros para embasar a representação do sertão norte mineiro. Por conseguinte, apresenta-se as considerações finais, evidenciando os resultados obtidos e sua importância para os estudos de literatura brasileira e para a fortuna crítica da obra de Cyro dos Anjos.

AS PESSOAS DO SERTÃO

O texto literário representa através do processo criativo lugares, pessoas, temas diversos de determinada cultura e sociedade. Para a representação do sertão selecionou-se, primeiramente as pessoas do sertão em *A Menina do Sobrado*, (1994, p. 35); que eram figuradas com as mesmas características do sertão que é rígido, duro e seco. Com isso, o comportamento das pessoas deste lugar é rígido, como pode ser comprovado na citação a seguir: “Em Santana, acariciar meninos era coisa desacostumada”. E, ainda, em outro trecho a narrativa; diz que: “A rígida hierarquia não comportava o direito de perguntar, a inflexível disciplina reinava no clã”. (1994, p. 36) Percebe-se o comportamento das pessoas no interior, prevalece o modelo patriarcal, em que havia a hierarquia dos membros familiares e o distanciamento entre pai, mulher e filhos.

Uma personagem que o narrador destaca é, Tia Perpétua, em que afirma que suas atitudes são hereditárias. E, que isso, tem a ver com o local de sua origem, o agreste do qual ela vem, que é a descendência do sertão baiano, acrescentando que essa mulher não consegue se desvincular

disso, sobre a Tia Perpétua, conforme se lê nas memórias:

Acredito, porém, que a sua misantropia, a sua dureza para com as crianças, o seu sombrio pessimismo não proviessem das tribulações pessoais por que passara; emanavam, antes de um sistema de ideias, uma concepção de vida comum à minha parentela paterna, que viera de agreste sítio, às barrancas do rio Verde. (...) Os Fróis, gente dura, galega de procedência embrenharam-se no sertão mineiro, ao tempo das bandeiras baianas. Desde então se fixaram nas caatingas da fazenda Vaca Brava. Duzentos anos de Vaca Brava não contribuíram para amaciar ninguém e muito menos àqueles varapaus de rosto anguloso, cabelos alorados e olhos suspicazes. (Anjos, 1994, p. 50).

A narrativa representa características físicas e psicológicas, consideradas, também, a representação das pessoas. A dificuldade dessa população se locomover de um ambiente para outro, por isso, prevaleceu por muitos séculos o isolamento, a vida rústica e a falta de refinamento como o que acontecia nas grandes cidades. Sabe-se que o advento da modernidade foi a construção das cidades e os instrumentos tecnológicos como o rádio, o cinema que trouxeram para as pessoas modos civilizados de se viver.

O narrador representa no livro também a figura do pai, o fazendeiro e político que possui características de um sertanejo da época que vivia no sertão: “Fecho os olhos e vejo-o montado na besta ruana, com o ponche aos ombros, a varar os chuviscos de julho nos campos altos da bacia do São Lamberto, ou com chapéu-de-sol em punho (...)”. (1994, p. 199). O pai é um homem do sertão, que vivia na fazenda lidando com o trabalho rural. Ademais, o narrador retrata como vivia o sertanejo que auxiliava no deslocamento do gado, e o lazer cultural em que após um dia de trabalho, à noite os vaqueiros cantavam, tocavam viola e sanfona. A economia rural, a criação de gado evidencia os meios de sobrevivência financeira e ainda uma agricultura praticamente de subsistência neste local, na década aproximadamente em 1925.

Outra marca do sertão mineiro é a prevalência do coronelismo em Santana do Rio Verde, a cidade natal do narrador, que é representado através do personagem Major Filomeno que resolvia suas desavenças através de emboscadas contra os inimigos. Na maioria das vezes, as brigas ocorriam por limites de terras, criações ou brigas de empregados como podemos comprovar com o fragmento: “O major Filomeno não se deixaria intimidar, e por certo pegaria em armas para defender sua propriedade.” (1994, 206). Assim, é evidente que a justiça do sertão de acordo com o coronelismo, que prevaleceu até 1930.

O livro através do narrador memorialista evidencia, também, as profissões e ocupações que os jovens filhos de fazendeiros da região poderiam ter naquele local, na época; e, as

atividades disponíveis eram trabalhar no balcão, de caixeiro-viajante ou optar pela pecuária. O próprio narrador trabalhou no comércio do pai e, também como comerciante de gado, em que era necessário percorrer lugares do sertão para vender ou comprar gado. Então, ao lembrar disso, ele mostra os vaqueiros que eram homens rudes e qualquer desavença era motivo de briga, conforme está no livro:

Dois meses andei metido naqueles cafundós, entre companheiros na sua maioria rudes, senão perigosos. Certo dia, em que o nosso aprisionador trouxera cachaça do comercinho distante em que ia abastecer-se, quase fui esfaqueado por um camarada que se embriagara. (Anjos, 1994. p. 215)

O trecho ilustra como os homens viviam neste ambiente rural do sertão. De acordo com Jesus (p. 259, 2006), “historiadores, memorialistas, viajantes, entre outros, contribuíram para reforçar uma imagem exagerada do homem sertanejo, quase sempre identificando-o como violento, bárbaro, que não reconhece as leis, ao contrário dos “homens civilizados” do litoral.” Verifica-se a liberdade do homem sertanejo em decidir a justiça por si mesmo.

O leitor deslocado desta época, no contexto atual, consegue perceber que o livro mostra a diferença que havia entre as pessoas do sertão e as da cidade grande, essa impressão é narrada após viagem ao Rio de Janeiro, a capital do país da época, conforme o fragmento a seguir: “Como tantas outras pessoas que encontrei no Rio, Gouveia parecia não pertencer à mesma espécie que nós, míseros sertanejos de Santana. Como eram limpos, finos, perfumados, airosos, os habitantes da metrópole”. (1994, p. 197). Em contraponto, antes essas memórias já haviam mostrado o cotidiano do interior, “Calor, pó, bestas suadas, carros de boi, lojas repletas de homens da roça, a quem se empingiam brins ralos, encorpados à custa de polvilho (...)”. (1994, p. 82). Desse modo, ao conhecer os homens da capital nota-se que a percepção do narrador surpreende com o comportamento citadino. A contraposição entre o rural e urbano, sem dúvida é real. Além da aparência, também está no comportamento regional, social e cultural.

O livro ainda evidencia a primeira visita a Belo Horizonte, em que a capital mineira, uma cidade moderna com aspectos da modernidade, possuía odor de gasolina, bondes, parque, sendo uma vasta cidade. O narrador traz para o texto, a imagem da cidade do interior sertanejo, Santana do Rio Verde que possui a: “desolação das ruas ermas, lambidas de sol, a feiura das casas, o canto esmorecedor dos carros de bois a caminho do mercado e a apatia das criaturas tudo envolvido naquela universal poeira.” (1994, p. 114). Percebe que Santana e seus habitantes se diferenciam das pessoas da capital mineira ao deparar com a modernização das duas capitais, Rio

de Janeiro e Belo Horizonte, e é de maneira crítica que ele analisa e retrata a diferença entre os dois espaços, o sertão e o urbano. Ademais, representa a modernização e industrialização daquelas que por volta de 1920, iniciava como estrutura divergente com melhorias no espaço físico e dos instrumentos tecnológicos em contraponto com a simplicidade, pobreza e atraso do sertão mineiro. A diferença ainda é impactante em uma região rural, em povoados sendo comparados as duas capitais no momento presente.

A IMAGEM DO LOCAL, DO AMBIENTE E DA NATUREZA

Desde o texto épico, a literatura trata de ambientes onde os personagens atuam. Sejam ambientes de reinos, culturas, mitos e ritos em que os personagens passam por aventuras mais próximas da realidade ou mais fantasmagóricas. Mas, em qualquer cultura a literatura apresenta imagens do local, seja da natureza ou ambientes urbanos. Tais imagens descritivas tais imagens compõem a estrutura narrativa.

O narrador das memórias *A Menina do sobrado* se refere à região norte mineira, localizada as proximidades de Santana do Rio Verde mostrando diversas imagens do sertão, primeiramente serão analisadas a imagem das casas das fazendas:

Conheci nessa quadra várias fazendas, que se misturavam todas na minha lembrança, fundindo-se numa só: a casa baixa de adobes; o pátio à frente, com cerca de pau-a-pique; ao lado, os currais, à sombra dum pau-d'óleo; no fundo a chacinha que se estendia até o Riacho, com algum raro pé de fruta, mas invariavelmente, bananeiras e touças de cana. (Anjos, 1994, p. 114).

O texto mostra a simplicidade e a rusticidade das casas, e a técnica de construção evoluída, uma vez que casas de adobe eram mais atuais do que casas de pau-a-pique, mas, as mais atuais eram as casas de tijolos. Mesmo deslocado do tempo e do espaço, o narrador ainda relembra que os moradores não cultivam, uma vez que a falta de plantio dos moradores sertanejos são atitudes culturais e, também, falta de vontade e empreendimento porque não cultivavam nem colhiam da terra nem o necessário para o sustento familiar. O escritor Monteiro Lobato se refere ao sertanejo nesta perspectiva antes de Cyro dos anjos, em *Urupês*, com o personagem Jeca Tatu. Esse olhar crítico desse escritor mineiro é uma forma de denunciar a falta de preparo em plantar e colher alimentos para troca ou como forma de sustento.

Em *A menina do sobrado*, há referências a diversos frutos do cerrado que eram colhidos na época, como é explícito na citação:

Sabia-se que, entre outubro e novembro, Seu Alexandre da Barroca d'água, aparecendo aos sábados para a feira, não deixaria de nos trazer o coco azedinho ou o catulé, este em rosários, e a inigualável mangaba. Também era certo que os balainhos de taquara de seu Martinho da Serra dos FONSECAS nos obsequiariam com a fruta de cada estação, assegurando-nos o suprimento de panã, murici e gabiroba, para não falar no araçá, no pequi e na pitomba, encontros em nossa fazenda. (Anjos, 1994. p. 72/73).

A lembrança evidencia as frutas nativas do sertão e as árvores frutíferas nativas. O narrador detalha como os frutos nativos da região, que vinham até ele na cidade em forma de agradinhos, com a simplicidade tanto da comida, quanto dos presentes que eram naturais do lugar, isso porque eram escassos os produtos industrializados que chegavam ao interior do sertão para consumo. Esses frutos do cerrado, ainda são encontrados na região até o momento atual, na época de colheita é comum encontrá-los nos mercados e feiras das cidades e povoados da região.

Essas memórias também, narra a procura de frutos deste cerrado, atividade corriqueira dos meninos do sertão, principalmente, os que moravam nos povoados e nos sítios, conforme está nas memórias: “De outras vezes, andávamos pelo tabuleiro, a procurar ananásinho-do-mato, murici, marmelada-de-cachorro e outras frutas da estação”. (1994, p. 54). Percebe-se a simplicidade da vida na infância do narrador no sertão, e ao lembrar dos frutos que esse não degusta mais, no momento em que escreve as recordações. É de maneira nostálgica que na velhice, esse se refere a essas lembranças que prevalecem, apesar de viver diversas experiências de vida após a vivência e experiência no sertão.

No livro, há a referência a comida típica da região de Santana, que são os doces e a farinha: “Podia-se desdenhar o doce de buriti, meio enjoativo e de aroma vivo demais para o nosso olfato. Mas quem não lambria os beiços contemplando uma compoteira de cascas de limão em calda (...).” (1994, p. 73). Essa comida típica ainda é um bem cultural da região no momento atual. É possível encontrar doces em calda e de Buriti no norte de Minas Gerais e em Montes Claros na atualidade.

Outra atividade praticada no sertão norte mineiro que o narrador retrata é a atividade de fazer farinha, que é bastante usada na região do norte de Minas Gerais: “(...) plantando mandioca, lavoura que não dava amolações e até gostava de terras ruins. Chegava a hora de fazer farinha, o mulhêrio cuidava disso;” (1994, p. 75). Além de referir-se a comida típica da região, e a atividade realizada pelas mulheres, porque sabe-se que a farinha, a goma seca, essa usada para fazer biscoitos e aquela em preparo de farofas etc. Sabe-se que a mandioca era cultivada pelos nativos no Brasil, e os colonizadores aprenderam usá-la para substituir trigo português.

Outra representação do sertão mineiro que, também, é percebida pelo leitor nas páginas

de “Santana do Rio Verde” é o clima específico da região, desde o calor, a poeira, os redemoinhos como podem ser vistos a seguir: “Esse calor, esse pó que, ao soprar o vento, revolteava em imensos remoinhos no Largo de Baixo batido de sol, esse pinhéu (...).” (1994, p. 215). É evidente ainda a referência que o texto faz a diferença entre o calor diurno e o frio noturno: “Ao escurecer, o calor de rachar substituía-se por um friozinho gostoso, como é usual na região.” (1994, p. 215). Cyro dos Anjos evidencia o vento no inverno: “(...) pois faziam poeira e precisamente em agosto: mês dos redemoinhos.” (1994, p. 215). Em outro fragmento, retrata a paisagem de forma negativa: “O sertão das gerais é feio, ríspido e seco. (...). Os escassos sitiantes penduram-se nas grotas, ao pé de algum olho-d’água; a gente não os enxerga; o que se oferece à vista é só a vegetação enfezada, de troncos retorcidos e folhas vermelhas de pó.” (1994, p. 121). A imagem exposta é negativa, está relacionada a seca, através da representação da paisagem e o clima, em que a água é importante para a sobrevivência mínima neste local.

O sertão não é só a imagem, os problemas sociais relacionados à seca e ao sertão, como a pobreza e a miséria que são evidenciados no texto desde aquela época, de acordo com o texto literário a seguir: “De fato, a miséria e ignorância que encontrei causaram-me espanto, embora estivesse acostumado à pobreza e ao atraso do sertão.” (1994, p. 215). O relato da viagem que o narrador fez à Jaíba, região interiorana do norte mineiro em direção à Bahia, são trazidas as condições de vida e a seca que assolam o sertão e o sertanejo, condições sociais da realidade do Brasil. Conforme Silva (apud Jesus, 2006, p. 435), o sertão “constrói simbolicamente, sempre no sentido de produzir uma narrativa da formação histórica do país, da fundação da nação ou da construção da identidade nacional.” Desse modo, é pertinente dizer que essa representação do sertão que Cyro dos Anjos traz para sua escrita literária é uma representação cultural de um homem brasileiro em um lugar e um tempo.

Outro elemento do sertão que figura nesta escrita literária são os animais da região, que são apresentados ao leitor quando ao deslocar-se de Santana para a Jaíba, o narrador, que era um menino na época, se depara com a vasta variedade de animais silvestres e até selvagens, conforme é evidente:

Nessas tétricas paragens, os bichos do mato pareciam confraternizar-se com o homem. Siriemas, saracuras, inhambus transitavam pela caatinga ressequida, sem se preocupar com os viajantes. Também os peixes não sentiam necessidade de se defender: subiam o rio em densos cardumes, para ir à desova, e, sem receio, exibiam os lombos negros, sob a superfície líquida. Capivaras, lontras, ariranhas e jacarés, não menos confiantes, punham a cabeça fora da água para mirar o remador solitário. (Anjos, 1994 p. 215).

Através do texto literário, nota-se que o sertão era denso porque os animais nativos da região que viviam próximos dos homens. E, eram vistos com frequência, o que demonstra que o sertão não era devastado e os animais não eram extintos. Além da fauna, a flora sertaneja é representada através das árvores e os pássaros do lugar que são descritos com uma linguagem simples e plástica. E, as árvores nativas da sede da fazenda Quedradas, propriedade do pai do narrador em Porteirinha:

Árvores de alto porte e sóbria dignidade de paus-pretos, paus d'óleo, gameleiras, tamboris – circundariam a sede e deitavam sobre os pastos uma sombra magnânima. No fundo da casa-grande, ver-se-ia um pomar, com água farta, distribuída em regos cobertos de lume que a gente transpusesse em passadiços lançados ao acaso. Por toda à parte abundariam bem-te-vis, joões-de-barro, rolinhas, pica-paus, sabiás, pássaros-pretos. (Anjos, 1994 p. 215).

A imagem do sertão explicitada enumera as árvores, os pássaros e o pomar, assim as memórias de Santana as quais fizeram parte das vivências do narrador, não foram esquecidas, e esse sujeito lembra dos detalhes do sertão em suas memórias e figura isso neste livro. Mesmo após ter vivido mais tempo no ambiente moderno, nas grandes cidades, vivenciando a tecnologia e industrialização, o narrador através das memórias mimetiza a simplicidade do sertão, o interior e as experiências de um adolescente com o ambiente natural.

A imagem geográfica, também, é representada pelas serras e chapadas da região no momento em que o narrador conta a viagem de Santana do Rio Verde para Belo Horizonte:

A cavalo, galguei a muralha azul da serra do Boi Mocho, onde outrora esbarravam os meus sonhos de menino; passei pelo povoado de Água Boa, na crista da Chapada; dormi no Traíra; atravessei o Jequitai, na balsa do Sr Daniel; conheci o Júlio Sanguinete; embrenhei-me por fim na serra do Cabral, ninho das onças, e, ao cabo de cinco dias, atingia a suspirada Várzea da Palma. (Anjos, 1994, p. 141)

O fragmento representa o trajeto de Montes Claros à Várzea da Palma. Nessa época, no início do século XX, a representação da região do Norte de Minas Gerais era de mato fechado e com a presença de animais selvagens da região. Com o desmatamento, e o surgimento de povoados e cidades, verifica-se que o que existe atualmente, é um ambiente muito diferente do exposto no texto de Cyro dos Anjos.

O cotidiano da vida no sertão apresenta aventuras e, também, um dispor de adaptação com o ambiente desconfortável, indo a cavalo de um lugar para outro, dormindo em qualquer lugar, e vivendo experiências e surpresas que o ambiente guarda.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante da análise evidenciada, o sertão norte mineiro representado na primeira parte do livro de *A menina do Sobrado*, “Santana do Rio Verde”, por Cyro dos Anjos mostra detalhes da vida no sertão; da imagem da fauna e flora e a maneira como a sociedade vivia. É de maneira militante que o autor das memórias se refere a esse lugar, descrevendo e narrando a respeito do ambiente. E, também, fazendo uma análise crítica de como era a sua terra natal, o sertão norte mineiro. Tudo isso leva o leitor a refletir sobre as mudanças ocorridas em quase um século após a representação do ambiente e a respeito deste sertão destruído e reconstruído no Norte de Minas Gerais.

A literatura não deixa morrer o sertão cultural que Cyro dos Anjos viveu e que até o momento presente, encontra resíduos deste sertão seja no comportamento humano, na natureza, na poeira, nos frutos nativos etc. o que soma para a memória cultural deste local que às vezes é visto com olhar preconceituoso e de menosprezo por brasileiros de outras regiões. Ainda é recorrente a vida no sertão mineiro, nesta mesma região, identiva a mesma maneira evidenciada no livro literário. Percebe-se que a literatura serve para mostrar o sertão e pode ser utilizada pelos Estudos Geográficos para conhecer imagens do local em outra época.

CONCLUSÃO

Diante das discussões sobre a representação do sertão, que é possível verificar no livro *A menina do Sobrado*, é pertinente afirmar que Cyro dos Anjos em sua escrita literária traz a imagem do sertão do Norte de Minas Gerais, em sua escrita memorialística. O tema é relevante para os estudos de literatura brasileira, para a fortuna crítica do autor, uma vez que isso configura uma representação cultural do homem, do lugar, dos frutos, das árvores, da seca, do frio, da poeira, do vento, dos animais que existiam. O local é revisitado pela memória, deslocada no tempo e no espaço, mas que é lembrada e trazida nesta escrita literária, assim, é pertinente considerar a escrita desse escritor mineiro “Ser-Tão”.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Cyro dos. *A menina do sobrado*. Belo-Horizonte: Garnier, 1994.

ANJOS, Cyro. Escritores mineiros: Cyro dos Anjos. (1986). In: *Biografia e Criação Literária*:

entrevistas com escritores mineiros. Entrevista concedida a Giovanni Ricciardi. Org. Dulce Mindlin. Ouro Preto: Editora UFOP, 2008. p. 122- 141.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In.: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Vol II, nº 21, 1998, p. 1-34.

CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. Trad. Diogo Mainard. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LEJEUNE, Philippe. *O Pacto Autobiográfico*. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2008.

MICHAELIS. Dicionário. In.: <https://michaelis.uol.com.br/> consulta 28/05/2026

VIRNO, Paolo. *El recuerdo Del presente*. Buenos Aires: Paidós, 2003.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo/Belo Horizonte: Companhia das Letras da UFMG, 2007.

PEREIRA, Sidclay Cordeiro. *Sertão, o semiárido e suas representações territoriais*. In.: Revista Geo UERJ, Rio de Janeiro, n. 42, e65452, 2023.

JESUS, Alysson Luiz Freitas. *O sertão e sua historicidade: versões e representações para o cotidiano sertanejo – séculos XVIII E XIX* in.: História e Perspectivas, Uberlândia (35): 247-265, Jul. Dez. 2006.